

Da segura da terra saem uns dentes de osso seco  
como se olhássemos uma exumação de cadáveres seculares

Mas de antigamente, como lenda de uma eternidade inicial,  
não mais  
temos que a claridade das vozes, a imaginária transparência  
(preciso é não saber do caldo comum,  
da larva do início a emergir na lama do caos,  
da obstinação e da improvável direcção)

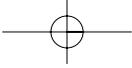
Eterno ou limpo foi apenas o dom de possuir  
um tempo a que chamaríamos vindouro

Agora chegámos ao lugar vindouro  
agora tocámos, de novo, na *estupidez* da terra

Venho do Sul — venho num Peugeot pela estrada do Sul —  
a velocidade leva-me numa turbulência limpa, e no  
rumor que a inércia mistura às grandes linhas de fugida

Vejo como elas passam rasando os acidentes,  
desterradas e rectas descruzando planos sobre a terra

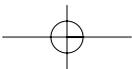
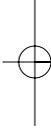
O Peugeot devora a estrada com o seu rumor de canto  
O Peugeot canta a demência de que é filho, enquanto eu



Lembro que deixei a Sul uma acidentada sucessão de praias  
deixei o seu destino de coisas  
Verifiquei a minha impreparação para ser espaço

E isso eu tenho em comum com o Peugeot, pouco tempo  
e pressa, um destino de pressa, depressa consumido

Contra as coisas que não são do espaço pois que aquelas  
têm uma natureza resistente ao vento das promessas

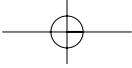


De novo como um pranto surdo, ao vento  
semelhante mas mais organizado  
pois conta já com a ordenação das horas

Neste caminho era dado ao vento misturar  
eventos recentes e actuais e rastejantes  
E então cantar era o início de contar

Como o desejo entra pela carne adentro  
e a entrega a um destino sem paz e de lobagem  
e de como a turbulência toma conta

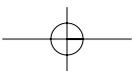
de seres simples e sem história e no-los torna  
enormes sob o peso da ameaça que é o dom  
do amor quando nos toca

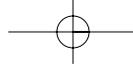


De vez em quando a máquina arranca  
à terra um som antigo, arranca  
ao atrito do chão  
um som escuro e trepidante

(não o som das trepidações antigas  
quando a convulsão subia numa algazarra de matilha  
e tu ainda sem passado ou mundo  
podias ouvi-lo sem ver nada)

Único som que corre sobre imagens do que  
perdido cresce e avança sem raiz ou contra  
a que, já não sendo, tem na pouca terra





Naquele monte ali olhamos  
os dois modos de ir que tem a paisagem

O circular, das horas,  
e o que pertence ao corpo montanhoso, imóvel  
à beira do estuário e contrário  
ao modo como crescem as cidades do outro lado  
no horizonte derramando a doença de ser corpo, mas  
também um sonho cimentado porque à noite  
nos toma a féerie. E então, vemos que tudo é fogo,  
que «Esta montanha já foi fogo»

em pontos de luz pulverizados

